

Em uma das eleições mais polarizadas dos últimos tempos, americanos escolherão o próximo presidente, na terça-feira, tomados por angústias e receios. Trump intensifica retórica agressiva e sugere disparos contra a ex-deputada Liz Cheney



Simpatizante de Trump posa para foto em painel com imagem do dia do atentado, em Warren (Michigan)



Kamala Harris gesticula durante comício no Ellipse, parque no coração de Washington: "Liberdade"

# O MEDO NAS URNAS

» RODRIGO CRAVEIRO

De um lado, uma candidata que pede aos eleitores que façam uma escolha entre a esperança e o caos. De outro, um adversário que intensifica a retórica agressiva contra "inimigos internos". No meio, cidadãos tomados pelo medo. Em três dias, Kamala Harris e Donald Trump serão os protagonistas de uma das eleições polarizadas das últimas décadas, também marcada pela desinformação. Ao desembarcar em Madison (Wisconsin), Kamala afirmou que a violência verbal de Trump o desqualifica à Presidência. Na quinta-feira, durante programa de tevê no Arizona, o republicano chamou a ex-deputada Liz Cheney de "burra" e "idiota" e sugeriu disparos contra o rosto da colega de partido. "Ela é um falcão radical de guerra. Vamos colocá-la com um rifle ali com nove canos disparando nela, certo?", disse. As autoridades do Arizona investigam a ameaça.

"Isto deve ser desqualificativo. Alguém que quer ser presidente dos EUA e que utilize este tipo de retórica violenta está claramente desqualificado para o cargo", declarou Kamala, no mais recente episódio de discurso violento. Cheney respondeu a Trump ao sustentar que "é assim que os ditadores destroem nações livres". "Ameaçam de morte aqueles que se manifestam contra eles. Não podemos confiar nosso país e nossa liberdade a um homem mesquinho, vingativo, cruel e instável, que quer ser um tirano." A Casa Branca qualificou as declarações de Trump de "inaceitáveis" e "perigosas".

Na terça-feira, os eleitores irão às urnas com preocupações específicas: a ameaça à democracia, o futuro da economia, a abertura à imigração ilegal, o reforço do racismo e o cerceamento do direito ao aborto.

Drew Roby, um estudante negro de 21 anos, apoia Trump, mesmo sem entusiasmo. "Vejo como o país tem sido administrado nos últimos quatro anos e era melhor quando ele era presidente", afirmou à agência France-Press (AFP). Ele se disse ciente que escolher também significa aceitar a "loucura que vem com ele".

Morador do Arizona, um dos sete estados-pêndulo, Roby não esconde o temor do aumento do ódio e do racismo. No mesmo estado, Whitley Brown, 35, confessor à AFP que teme pelo futuro das filhas. "Tenho duas meninas, de 11 e 13 anos, e quero que, quando forem adultas, possam ter controle sobre seus próprios corpos, e que o governo não esteja na sala de exame com elas", disse. Estudante da área da saúde e eleitora de Kamala, Madelina Tena, 18, questiona: "Já estão tentando tirar o nosso direito ao aborto, o que mais podem nos tirar? Qual será o próximo?"

Tom Hollihan, professor de comunicação e ciência política da Universidade do Sul da Califórnia (USC), admitiu ao **Correio** que os Estados Unidos tornaram-se uma nação tão profundamente polarizada que, infelizmente, tanto republicanos quanto democratas veem um ao outro não como alguém equivocado, mas como alguém maligno. "Os democratas temem que a eleição de

## Eu acho...

Arquivo pessoal



"Os efeitos da desinformação sobre eleições recentes são frequentemente exagerados. No entanto, eles têm algum efeito, frequentemente no aumento da desconfiança nas instituições. A peça de desinformação mais prejudicial na política atual dos EUA é a teoria da conspiração de que a fraude eleitoral em massa levou a uma eleição 'roubada' em 2020. Apenas cerca de um terço dos americanos acredita nessa conspiração, mas ela levou a uma tentativa de golpe em janeiro de 2021, bem como a ameaças de violência contra autoridades eleitorais."

**Jake Grumbach**, professor da Faculdade Goldman de Políticas Públicas da Universidade da Califórnia Berkeley

Trump represente o fim da democracia, como a conhecemos. Eles consideram Trump um déspota fascista que talvez nunca entregue o poder e que prometeu

buscar vingança de seus inimigos políticos", avaliou. "Os republicanos, por sua vez, temem que Kamala continue a aceitar a entrada de muitos imigrantes não documentados nos EUA e que a cultura dominante (branca) se perca, à medida em que nos tornemos uma nação em que eles (republicanos) não sintam mais em casa."

Hollihan não descarta que a eleição deste ano seja decidida nos tribunais e que o candidato republicano não aceite uma eventual derrota. "Acho que ambos os cenários são possíveis. É provável que Trump reclame vitória mesmo se perder. Ele está se preparando para tal resultado, tanto retoricamente em suas mensagens de campanha, quanto em briefings legais que podem ser apresentados à Corte, se necessário", observou.

## Desinformação

Nas últimas semanas, um elemento a mais adicionou angústia na campanha eleitoral, repetindo uma tendência das eleições de 2020: a desinformação. Nas redes sociais, proliferaram inverdades sobre fraudes eleitorais ou sobre votos perdidos e destruídos. "Esse tipo de mensagem destrói a confiança da opinião pública e pode levar a mais violência política, como vimos em janeiro de 2021", advertiu o estudioso da USC, ao mencionar a invasão ao Capitólio.

Para Jake Grumbach, professor da Faculdade Goldman de Políticas Públicas da Universidade da Califórnia Berkeley, a atual eleição se insere em uma era de alta polarização partidária. Ele explicou

ao **Correio** que a maioria dos eleitores não gosta do partido político adversário. "Muitos eleitores dizem que estão votando com base em posições políticas (geralmente, temas ligados à economia, ao aborto, à imigração e à segurança), mas, normalmente, estão mais motivados pelo desejo de derrotar o partido rival do que por assuntos específicos que Kamala ou Trump defendem", observou.

Grumbach ressaltou que existem litígios em torno dessa eleição e prevê uma onda de disputas judiciais depois de terça-feira. "Em 2000, a Suprema Corte dos EUA determinou o vencedor da eleição presidencial, ao suspender a recontagem de votos na Flórida. Em uma eleição acirrada em 2024, a máxima instância judicial pode, novamente, desempenhar um papel importante na determinação do vencedor", disse. "Além disso, se houver tentativas de subverter o pleito, como ocorreu em 2020, quando Trump pressionou as autoridades eleitorais da Geórgia a mudarem os resultados das urnas, os tribunais estarão ainda mais envolvidos."

A campanha de Kamala alertou, ontem, que Trump poderá declarar vitória antecipadamente na noite de terça-feira, antes mesmo da totalização dos votos. A equipe de advogados da democracia tem se preparado para esse cenário desde 2020 e vê com preocupação manobras legais dos republicanos. Um dos casos envolve o Arizona, onde um aliado de Trump acusou a secretária de Estado de reter dados sobre os eleitores. Até o fechamento desta edição, 63 milhões de pessoas tinham votado por antecipação.

## Conexão diplomática



por **Silvio Queiroz**  
[silvioqueiroz.df@gmail.com](mailto:silvioqueiroz.df@gmail.com)

## 2025 vai começar na terça-feira

Com dois meses de antecipação, a votação que decidirá a sucessão de Joe Biden, dentro de três dias, será também o tiro de largada para o próximo ano — não apenas nos EUA. Seja Kamala Harris ou Donald Trump, quem tomar posse da Casa Branca em janeiro terá pela frente um elenco de desafios nada invejável. E o resto do mundo acompanha com atenção máxima o desfecho da disputa, de olho nos desdobramentos da escolha que cabe aos eleitores norte-americanos.

As guerras na Ucrânia e no Oriente Médio compõem a 'pièce de résistance', como se referem os chefs de cozinha ao prato principal de um menu. Mas não faltam acompanhamentos substanciais e até picantes, começando pela queda de braço travada com a China em diversas frentes, com a liderança do mundo em jogo.

Salvo uma repetição do drama eleitoral de 2000, quando a contenda entre Al Gore e George W. Bush se arrastou para além do réveillon, na semana que vem começa a tomar corpo o próximo governo da (ainda) principal potência

global. Assim como em outras capitais, Planalto e Itamaraty poderão avançar nos ajustes da política externa para os próximos quatro anos.

## Uns e outros

As últimas pesquisas de opinião mostraram um país dividido praticamente ao meio — como tem sido o tom desde a virada do século —, embora a curva de evolução das intenções de voto indicasse tendência de crescimento para o desafiante e ex-presidente. Mas, em alguns terrenos cruciais da agenda política, em especial na frente externa, são também reduzidas as diferenças entre os dois partidos que monopolizam na prática o sistema político dos EUA.

Até algum tempo atrás, era corrente a noção de que "os democratas vão à guerra e os republicanos fazem a paz". Com efeito, JFK e Lyndon Johnson enviaram tropas ao Vietnã, enquanto Richard Nixon comandou a retirada, depois de ter normalizado relações com a China de Mao Tsé-tung. Outro

republicano, Ronald Reagan, levou ao ápice a corrida armamentista com a União Soviética, mas preparou o terreno para que o correligionário e sucessor George Bush (pai) selasse com Mikhail Gorbachov o fim da Guerra Fria.

Bush filho, no entanto, declarou sua "guerra ao terror", e levou-a a efeito no Afeganistão e no Iraque, de onde o efetivo norte-americano foi retirado pelos democratas Barack Obama e Joe Biden, respectivamente. Foi o primeiro, por sinal, quem chefiou a intervenção ocidental nas guerras civis da Líbia e da Síria, no âmbito da chamada "primavera árabe".

## "Nós" e "os outros"

Em resumo, há muito mais em comum entre uns e outros, e isso diz respeito ao que constitui a política de Estado nas relações internacionais. A China e o Pacífico são o exemplo talvez mais eloquente: Obama definiu a região como centro da estratégia global; Trump aponta o regime de Pequim

como principal ameaça à supremacia do Tio Sam, e promete retomar a guerra comercial de seu primeiro mandato.

É na abordagem dos desafios que os dois partidos divergem mais claramente. Com os democratas, inclusive o atual presidente, ela se assenta na ação conjunta com aliados, em especial os da Otan. Trump leva às últimas consequências a opção preferencial de republicanos como Bush (filho) pelo unilateralismo. É a doutrina sintetizada no lema de campanha "America first". Em nome dela, o desafiante sinaliza apoio irrestrito e incondicional a Israel, em sua guerra contra Hamas, Hezbollah e o "eixo da resistência" comandado pelo Irã. Quanto à Ucrânia, delega aos europeus o peso militar — e sobretudo econômico — de sustentar a defesa de Volodymyr Zelensky diante de Vladimir Putin.

## Quem te viu...

No que diz respeito ao Brasil, até não muito tempo atrás, a "sabedoria convencional" rezava que os democratas eram osso duro nas relações comerciais: com zelo pela base eleitoral nos sindicatos, cultivavam o protecionismo. Os republicanos, em contraposição, primavam pelo liberalismo nas trocas externas.

## ...quem te vê

Hoje, é Trump quem fala aos corações e mentes da classe trabalhadora, notadamente nas regiões industriais em prolongada decadência. E seu discurso, como fica exponenciado no tratamento reservado à China, é o de "defender os empregos" em território dos EUA.

## Negócios à parte

É nas relações com as forças políticas no Brasil que a escolha da próxima terça-feira pode ter incidência mais clara sobre as relações bilaterais. Trump e seu entorno colecionam afinidades com a direita e a extrema-direita, em particular com o clã Bolsonaro. Biden, cuja vitória em 2020 foi contestada pelo ex-presidente brasileiro, aplicou-lhe dois anos de "gelo" diplomático. Em 2022, foi um dos primeiros governantes a felicitar Lula e a desautorizar qualquer contestação ao resultado das urnas.

É de esperar que a atual vice, Kamala Harris, mantenha o tom, caso saia vencedora. Trump, no entanto, caso retorne à Casa Branca, estará em posição de dar o troco na disputa pelo Planalto, em 2026.